

CONCEITOS E SEMELHANÇAS DE FAMÍLIA EM WITTGENSTEIN: UMA LEITURA DAS *INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS*

CONCEPTS AND FAMILY RESEMBLANCES IN WITTGENSTEIN: A READING OF *PHILOSOPHICAL INVESTIGATIONS*

Fernando Lopes de Aquino¹

Resumo: Este artigo procura apresentar uma leitura das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein, especificando a sua contraposição a um modelo de linguagem especialmente vinculado ao essencialismo platônico. O tema é delimitado por intermédio dos parágrafos 1 a 88 da obra, onde os argumentos do autor se desdobram a partir das concepções de jogos de linguagem e semelhanças de famílias. O principal intuito é verificar como esses dois elementos estão estruturados nas *Investigações* e quais as suas implicações para a filosofia da linguagem.

Palavras-chave: Linguagem. Essência. Jogos de linguagem. Semelhanças de família.

Abstract: This article attempts to present a reading of Wittgenstein's *Philosophical Investigations* stating its opposition to certain model of language, especially linked to the platonic essentialism. The theme is defined by paragraphs 1 to 88 of the work, where the author's arguments unfold from the conceptions of language games and family resemblances. Our goal is to see how these elements are structured in the *Investigations* and what their implications for the philosophy of language.

Keywords: Language. Essence. Language games. Family resemblances.

I. INTRODUÇÃO

A perspectiva pela qual Wittgenstein aborda o debate sobre a linguagem é algo que se transforma ao longo de sua obra. Se por um lado, no *Tractatus Logico-Philosophicus*, o anseio essencialista da linguagem culminou na teoria da figuração, por outro lado, nas *Investigações Filosóficas*, teremos uma argumentação que se desencadeia contrapondo-se a esse elemento, sobretudo, por meio da explicitação da noção de *jogos de linguagem* e *semelhanças de família*. Nesse artigo, pretendo especificar os argumentos desenvolvidos por Wittgenstein nas *Investigações* através do conjunto de parágrafos que se estendem de 1 a 88, propondo um recorte da obra, tanto de um ponto de vista temático, quanto em relação à sua estrutura.

II. PROPOSTA DE ESTRUTURAÇÃO DO TEXTO

¹ Mestrando em Filosofia da Linguagem pelo Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP. E-mail: fernando_ldaquino@yahoo.com.br

O parágrafo de abertura das *Investigações Filosóficas* expõe uma citação específica das *Confissões* de Agostinho em que ele descreve o seu aprendizado da linguagem². Isso poderia nos levar a pensar que Wittgenstein pretende pinçar da história da filosofia um representante de alguma teoria sistematicamente elaborada, de preferência alguém proeminente com quem pudesse dialogar. Mas esse não parece ser o caso³. O que se evidencia logo após esta citação é o que Wittgenstein denomina de: “uma determinada imagem da essência da linguagem humana” (§115), algo que se cristaliza e se repete para nós “inexoravelmente”.

Neste sentido, o que deve ser problematizado não é uma teoria em particular, mas um certo modo de se conceber a linguagem, cuja formulação teórica, não importa o autor, será um desdobramento. Segundo David Stern, quando Wittgenstein inicia o texto das *Investigações*:

He begins not with systematic philosophy, or the history of philosophy, but with the patterns of thought, the ways of speaking, which can lead us into formulating such philosophical theories (STERN. 2004. p.74).

A radicalidade da proposta trazida pelas *Investigações* consiste exatamente em rever a história da filosofia problematizando o que é tomado como trivial por seus protagonistas. Portanto, contrapor-se a essa concepção não significa propor caminhos alternativos, mas reposicionar-se em relação ao que a fundamenta a partir da própria linguagem.

Para Wittgenstein, o fato de os filósofos não estarem mais próximos do significado da realidade do que Platão ou de nos incomodarmos com os mesmos problemas filosóficos que preocupavam os gregos, revela apenas que: “our language has remained constant and keeps seducing us into asking the same questions” (2005. *Big Typscript* 424).

² “Se os adultos nomeassem algum objeto e, ao fazê-lo, se voltassem para ele, eu percebia isto e compreendia que o objeto fora designado pelos sons que eles pronunciavam, pois eles queriam indicá-lo. Mas deduzi isto dos seus gestos, a linguagem natural de todos os povos, e da linguagem que, por meio da mímica e dos jogos com os olhos, por meio dos movimentos dos membros e do som da voz, indica as sensações da alma, quando esta deseja algo, ou se detém, ou recusa ou foge. Assim aprendi pouco a pouco a compreender quais coisas eram designadas pelas palavras que eu ouvia pronunciar repetidamente nos seus lugares determinados em frases diferentes. E, quando habituara minha boca a esses signos, dava expressão aos meus desejos” (AGOSTINHO. *Confissões* I/8)

³ Nessa citação Agostinho sequer defende de maneira sistemática a sua própria concepção de linguagem, isso é feito de forma mais contundente em outra obra, a saber, no *De Magistro*. O que se evidencia aqui é apenas o modo como alguns pressupostos são compartilhados, ou ainda, o partilhar de uma *imagem*.

Novamente, o que deve ser observado é a conservação de certos pressupostos que repousam na linguagem e não a multiplicidade de teorias criadas a partir deles. A ideia proposta pela concepção agostiniana da linguagem é apenas mais uma perspectiva que se desdobra da mesma matriz, qual seja: “cada palavra tem uma significação. Esta significação é agregada à palavra. É o objeto que a palavra substitui” (§1).

Embora a tradição nos apresente uma série de concepções teóricas sobre a linguagem, fundamentalmente todas dependem de um mesmo alicerce. Parte da contraposição de Wittgenstein a isto estará presente no conjunto de parágrafos que se estendem de 1 a 88, sobretudo, a partir do desdobramento da concepção de *jogos de linguagem e semelhanças de família*.

Baker e Hacker subdividem esse percurso em três momentos distintos: primeiro, temos uma parte que vai do parágrafo 1 a 27a; em seguida, um novo bloco entre os parágrafos 27b a 64; e, por fim, do 65 a 88. Os principais tópicos abordados na primeira parte são:

The diversity of uses of words, the analogy between words and tools, the role of explanations of word-meaning and their diversity, the concept of a sample and the function of samples in explanations of meaning, language-games and the use of the method of language-games in philosophical elucidation (BAKER; HACKER. 2005. p.9).

Na sequência, os parágrafos 27b a 64 examinam os equívocos relacionados à imagem agostiniana da linguagem, que a partir do modelo de nomeação funda a linguagem e rerepresenta a realidade a partir de uma relação de correspondência. Outro elemento apontado nesse bloco é o fato de a definição ostensiva não ser algo imediatamente compreendido, como pressupunha a tradição, pelo contrário, é algo que requer previamente a compreensão de alguns elementos, como nos mostra o parágrafo 28 das *Investigações*:

A definição do número dois “isto se chama ‘dois’” – enquanto se mostram duas nozes – é perfeitamente exata. – Mas, como se pode definir o dois assim? Aquele a que se dá a definição não sabe então, *o que se quer chamar com “dois”*; suporá que você chama de “dois” *este grupo de nozes!* – Pode supor tal coisa; mas talvez não o suponha (WITTGENSTEIN. 1991).

Sobre isto, Baker e Hacker concluem que: “ostensive definition does not lay the foundations of language. In this sense, language has no foundations” (BAKER; HACKER. 2005. p.9).

A terceira e última parte que caracteriza esse bloco de contraposição aos elementos básicos da imagem agostiniana da linguagem se estende do parágrafo 65 a 88. Aqui teremos uma investigação da concepção do significado linguístico como um correlato da concepção de nomes ligados aos objetos que constituem a realidade. Esta perspectiva nos mostra que as várias características de um objeto devem ser apreendidas pelo conceito, sendo a definição analítica um modo de especificar a sua *essência*. Em contraposição, as *Investigações* apresentam a noção de *semelhanças de família*, opondo-se a uma delimitação clara do conceito que se faz presente em toda tradição – o que para Baker e Hacker é na verdade um projeto originariamente platônico de busca pela essência das coisas (Idem. p.10).

Por fim, é possível indicar ainda que a partir do parágrafo 89 teremos o início de uma análise pautando-se pelas consequências de todas as refutações anteriores. De 89 a 108 haverá uma descrição dos problemas a que somos submetidos quando nos deixamos enredar pelas concepções refutadas; de 109 a 133, será demonstrado que a função filósofo é a de explicitar as contradições até que a própria pergunta desapareça:

Outline Wittgenstein’s new conception of philosophy and its methods. Philosophical problems are forms of misunderstanding or lack of understanding, that are resolved or dissolved by descriptions of the uses of words (Idem. p.12).

Estruturalmente, esse conjunto de textos parece se organizar como uma obra completa. O que nos interessa agora é especificar e compreender melhor a argumentação de Wittgenstein em relação a essa imagem da essência da linguagem humana, sobretudo, a partir do parágrafo 65, em que a oposição ao conceito de essência ocorre por meio da noção de *semelhanças de família*.

III. ESPECIFICAÇÃO TEMÁTICA: A BUSCA PELA ESSÊNCIA

Os pressupostos essencialistas da imagem agostiniana da linguagem têm como fundamento o modelo de “nomeação”. Segundo esse modelo, podemos estabelecer uma espécie de teoria da linguagem e do mundo que se constitui a partir da correspondência

entre ambos. Para Baker e Hacker, esse também era “o coração do *Tractatus*” (2005. p.145).

A teoria da figuração do *Tractatus* buscava explicar a correspondência entre mundo e pensamento – ou mundo e linguagem⁴ – evidenciando a natureza essencialmente simbólica do pensamento. Nesse sentido, o pensamento compartilharia uma forma essencial, tornando-se uma atividade entre outras (sonoras, gráficas etc.) de simbolização enunciativa. Para Santos:

A consequência imediata da conjunção desses pressupostos é que a reflexão sobre as condições mais essenciais (lógicas) a que se supõe estar submetida toda e qualquer representação enunciativa da realidade, na medida em que identifique, entre essas condições, algumas concernentes aos objetos passíveis de tal representação, se revelara capaz de fundar não apenas teses relativas à linguagem e ao pensamento, mas também teses relativas à estrutura essencial do que, na própria realidade, pode ser pensado e representado pelo discurso (SANTOS. 2001. p.16).

Estabelecendo a reflexão lógica do alcance representativo da linguagem por meio da caracterização da forma essencial da proposição, o *Tractatus* buscará “as condições objetivas de instituição de uma relação de representação entre um símbolo proposicional e algo mais” (Idem. p.17). Ou seja, dada a estrutura essencial compartilhada, o que é possível dizer de modo significativo?

Com isso o livro consolida uma tarefa crítica de medir o grau de legitimidade das pretensões filosóficas por meio do auxílio exclusivamente lógico da proposição. Grande parte dessas pretensões não será reconhecida pelo *Tractatus* como problemas reais, mesmo as mais profundas, mas simplesmente como contra-sensos:

A maioria das proposições e questões que se formularam sobre temas filosóficos não são falsas, mas contra-sensos. Por isso, não podemos de modo algum responder a questões dessas espécies, mas apenas estabelecer seu caráter de contra-sensos. A maioria das questões e proposições dos filósofos provém de não entendermos a lógica de nossa linguagem (WITTGENSTEIN. 2001. 4.003).

⁴ Platão estabelece a natureza simbólica do pensamento e do discurso como algo que compartilha uma forma essencial. No *Sofista*, ele nos diz que: “pensamento e discurso são, pois, a mesma coisa, salvo que é o diálogo interior e silencioso da alma consigo mesma, que chamamos pensamento” (Cf. PLATÃO. 1980. 263e). Para Luiz Henrique, com Platão inaugura-se uma série de problemas centrais para todo o desenvolvimento da lógica. O *Tractatus* insere-se nesse cenário e discute exatamente essas questões (Cf. SANTOS. 2001).

Situando os limites da linguagem, o *Tractatus* separa o que podemos dizer com sentido e certos enunciados, especialmente os que estão voltados para valores absolutos, mostrando que: “sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar” (WITTGENSTEIN. 2001. 7). Uma proposição metafísica, por exemplo, é incapaz de figurar algo no mundo e, portanto, carece de sentido. O dever do filósofo seria o de mostrar a quem comete tal equívoco que: “não conferiu significado a certos sinais em suas proposições” (Idem. 6.53).

Para o *Tractatus*, na medida em que buscamos a forma lógica da linguagem, rigorosamente superamos as ambiguidades das linguagens ordinárias, e com elas todos os seus equívocos, pois a forma lógica que subjaz às variações linguísticas é extremamente perfeita.

Ora, a teoria da figuração fundamenta-se na mesma ideia de que nomes substituem objetos, ou seja, “um nome toma o lugar de uma coisa, um outro, o de uma outra coisa” (cf. 4.0311). Dessa forma, nomes podem ser concebidos como elementos mínimos da linguagem, com a possibilidade de corresponder ou não aos seus objetos. Como a proposição deve corresponder a um fato no mundo, cada nome deve estar relacionado à apenas um objeto, e nisso consiste a possibilidade de algo ser verdadeiro ou falso⁵ (cf. 2.222).

Ainda segundo a explicitação do *Tractatus*, a identidade entre linguagem e mundo é estritamente estrutural e de ordem lógica. Não se trata de comparar conteúdos intelectuais com as coisas da realidade, mas de apreender a identidade estrutural de ambos os elementos: “O que a figuração deve ter em comum com a realidade para poder afigurá-la à sua maneira – correta ou falsamente – é sua forma de afiguração” (Idem. 2.17).

Enquanto elementos que criam a tensão dos diálogos das *Investigações*, esses aspectos fazem ecoar não apenas a concepção presente na imagem agostiniana, mas em toda tradição, a qual o *Tractatus* apenas corrobora. Igualmente, apresentam-nos a matriz de várias teorias que foram se constituindo ao longo da história, todas compartilhando a relação entre nome e objeto como essência da linguagem.

⁵ Conforme Oliveira, mesmo no caso de uma figuração falsa há a necessidade de uma figuração, isto é, uma identidade da estrutura interna: “quando não há nem identidade de estrutura interna, então não há propriamente pensamento, mas apenas disparate (...) mesmo no caso das figurações falsas, há algo de comum entre o pensar e o real, que é a identidade da estrutura interna, ou seja, da forma da figuração” (OLIVEIRA. 1996. p.106). O que determinará de fato a falsidade da proposição será a correspondência ou não de seu sentido com a realidade.

Esse aspecto *essencial* da linguagem será problematizado pelas *Investigações* e as limitações dessa concepção serão expostas desde o primeiro parágrafo, mas sobretudo, a partir dos vários *usos* que fazemos da linguagem. Não se trata mais de uma questão ligada às essências ocultas, mas do modo como usamos as palavras em seus vários jogos de linguagem.

IV. JOGOS DE LINGUAGEM E SEMELHANÇAS DE FAMÍLIA

As *Investigações* paulatinamente refutam como “ilusões gramaticais” a ideia de que haveria uma essência da proposição coincidindo com a essência do mundo, uma estrutura lógica e de espelhamento da realidade. Essa é uma herança metafísica que desde os diálogos platônicos estabeleceu a necessidade de se alcançar *algo comum*, subjacente ao mundo, à linguagem e ao pensamento.

Wittgenstein manteve uma relação direta com os textos de Platão e lia o *Teeteto* enquanto colocava em ordem a primeira parte das *Investigações*. Em seus relatos ele conclui que Platão estava preocupado com os mesmos problemas que o faziam escrever agora. Para Stern:

We can see much of Wittgenstein's later philosophy as an extended defence of Theaetetus' initial answer – the best we can do in answering questions about the essence of a word such as 'knowledge' is to give examples, with the aim of showing that Socrates is talking nonsense, (STERN. 2004. p.13).

Da mesma maneira, a citação de Agostinho ou o diálogo com o *Tractatus* e com Frege ecoa de modo mais enfático a contraposição aos desdobramentos dessa concepção de linguagem, não enquanto teoria unívoca, mas como uma concepção geral.

De certo modo, isso é fundamentalmente, a explicitação do que causa a tensão nos diálogos das *Investigações*, ou seja, a contraposição àquilo que se situa no interior de nossa linguagem e nos mantém presos repousa na metafísica platônica, que insistentemente busca a *essência* da linguagem e não os casos particulares de uma palavra. No *Blue Book*, ao analisar esse anseio platônico, Wittgenstein dirá que:

When Socrates asks the question, “what is knowledge?” he does not even regard it as a preliminary answer to enumerate cases of knowledge (...) As the problem is put, it seems that there is something wrong with the ordinary use of the word ‘knowledge’. It appears we don't know what it means, and that therefore, perhaps, we have no right to use it (Blue Book. 20, 27).

As ideias de cunho essencialista são recusadas desde o primeiro parágrafo das *Investigações*. Os equívocos de se crer que cada palavra tem um significado correlacionado a um objeto da realidade, cuja essência é apreendida ao nomeá-lo e que a conexão entre significado e palavra, linguagem e realidade é verdadeira são abandonados no conjunto de textos que vai do parágrafo 1 a 64 (Cf. BAKER; HACKER. 2005. p.145). O que se destaca a partir do parágrafo 65 é algo absolutamente oposto à posição socrática, isto é, a recondução das palavras para o seu uso cotidiano e não metafísico.

Aqui encontramos a grande questão que está por trás de todas essas considerações. Pois poderiam objetar-me: “você simplifica tudo! Você fala de todas as espécies de jogos de linguagem possíveis, mas em nenhum momento disse o que é essencial do jogo de linguagem, e portanto da própria linguagem. O que é comum a todos esses processos e os torna linguagem ou parte da linguagem. Você se dispensa pois justamente da parte da investigação que outrora lhe proporcionara as maiores dores de cabeça, a saber, aquela concernente à *forma geral da proposição* e da linguagem”. E isso é verdade. - Em vez de salientar algo que é comum a tudo aquilo que chamamos de linguagem, digo que não há uma coisa comum a esses fenômenos, em virtude da qual empregamos para todos a mesma palavra, - mas sim que estão aparentados uns com os outros de muitos modos diferentes. E por causa desse parentesco ou desses parentescos, chamamo-los todos de "linguagens". Tentarei elucidar isso. (WITTGENSTEIN. 1991. §65)

Ao invés da busca por *algo comum*, nos é apresentada a noção de *semelhanças de família*, em que o significado não é lançado para fora da execução efetiva da linguagem, não é um objeto que lhe corresponde. No lugar de Teeteto, diria Wittgenstein, poderíamos responder Sócrates da seguinte maneira: “*There is no one exact usage of the word ‘knowledge’; but we can make up several such usages, which will more or less agree with the ways the word is actually used*” (*Blue Book*, 27).

A enumeração de exemplos, “isto e outras coisas semelhantes”, se opõem à delimitação rígida do conceito. Ao invés de se ater aos traços essenciais da linguagem, Wittgenstein recorre aos jogos de linguagem ligados a um conjunto de atividades culturais e sociais, algo concebido como “parte de uma atividade ou de uma forma de vida” (WITTGENSTEIN. 1991. §23).

Há uma “introdução” à noção de *semelhanças de família* que se estende do parágrafo 65 a 74 enfrentando algumas objeções, mas o núcleo do debate está posto entre os parágrafos 75 a 88, e aborda justamente a contraposição aos pressupostos que dogmatizam a busca pela essência ou a delimitação exata de um conceito.

Respectivamente, primeiro temos um elemento associado à Platão e, em seguida, algo que remete à Frege:

The first, associated with Plato (MS 142, §67), is that a person who cannot define a concept-word by giving its characteristic marks does not really know what he is talking about when he uses it in a sentence. (...)The second version, associated with Frege, is that any concept must have a definite boundary (BAKER; HACKER. 2005. p.145).

No trecho que estende do parágrafo 65 a 88 se desenvolve um traçado que explicita as raízes desse dogmatismo, além de seus principais desdobramentos; ao mesmo tempo, Wittgenstein formula uma concepção de linguagem situada no terreno da prática, ou ainda, nos *jogos de linguagem*: “pode-se, para uma *grande* classe de casos de utilização da palavra ‘significado’ – se não para *todos* os casos de sua utilização –, explicá-la assim: a significação de uma palavra é seu uso na linguagem” (WITTGENSTEIN. 1991. §43).

A despeito do que prescrevera a tradição, apreender uma linguagem seria muito mais do que apreender as definições de palavras e expressões. A sentença: “O solo está inteiramente coberto de plantas” é uma ilustração disso. Para Wittgenstein, é insensatez exigir clareza e distinção para cada um dos componentes da frase, ou seja, a essência das palavras como pressuposto à sua compreensão. O imprescindível desse *jogo* não é definir o que é “solo”, “planta” e assim por diante, mas dominar o modo como as palavras são usadas na linguagem.

Da mesma forma, Wittgenstein advoga que o significado não está na rígida definição de um conceito, como pretendia Frege, pois é possível usá-lo de um modo em que ele não esteja totalmente fechado por um limite, e isso não nos impede de compreendê-lo.

E exatamente assim explica-se o que é um jogo. Dão se exemplos e quer-se que eles sejam compreendidos num certo sentido. – Mas com essa expressão não quero dizer que essa pessoa deva ver agora nesses exemplos o algo comum que eu – por alguma razão – não posso exprimir. Mas sim que tal pessoa deva agora *empregar* esses exemplos de um determinado modo. A exemplificação não é aqui um meio indireto de elucidação, - na falta de outro melhor (WITTGENSTEIN. 1991. §71).

Ter habilidade para descrever isto ou aquilo é o que de certo modo será “determinante”, não quanto ao significado de uma palavra, pois esta questão é simplesmente rejeitada, mas em relação ao modo como uma palavra pode ser

compreendida *num certo sentido*. Para Baker e Hacker, essa indefinição não implica em não compreensão:

Wittgenstein counters that explaining a concept-word by means of a series of paradigmatic examples is a perfectly decent and intelligible form of explanation, just as telling someone to stand ‘roughly here’ is a perfectly decent instruction. For some purposes, what is not sharply determined may be exactly what is wanted (§71) (BAKER; HACKER. 2005. p.147).

Ser incapaz de precisar algo com exatidão, tal qual impõe Sócrates como pressuposto ao desenvolvimento de seus diálogos não nos exclui da possibilidade de falar a respeito e, tão pouco, de compreender uma sentença. Neste ponto, a descrição dos *jogos de linguagem* e o acréscimo “isto e outras coisas semelhantes” (noção de semelhanças de família) se mostram como uma contraposição⁶ interessante às armadilhas postas pelo modelo socrático e sua maneira de formular as questões. A relação de correspondência entre linguagem e mundo é abandonada em detrimento do *uso*, o que faz com que a ideia de significação – que torna a linguagem um espelho do mundo – algo sem sentido.

Desde os primeiros parágrafos das *Investigações* Wittgenstein demonstra como é problemática a fundamentação da linguagem partir do esquema de nomeação, pois os usos que fazemos com as palavras nem sempre visam indicar as coisas. Veja, por exemplo, a ilustração do indivíduo que vai às compras com um bilhete escrito “cinco maçãs vermelhas”; supondo que ele faça o que pretendia quem lhe enviou, “como ele sabe onde e como procurar a palavra ‘vermelho’, e o que vai fazer com a palavra ‘cinco’?” (Idem. §1).

Ao aprendermos palavras como as que estão no bilhete, não fazemos associações com os objetos correspondentes, “o” vermelho ou “o” cinco, por exemplo. O que aprendemos é um modo bastante prático de usá-las, de correlacioná-las a outros elementos, como o conjunto das cores e dos números. Para Glock (1998, p.226), “assim como no caso dos jogos, os lances possíveis dependem da situação (posição no tabuleiro), e, para cada lance, certas reações serão inteligíveis, ao passo que outras serão rejeitadas”. Analogamente, uma sentença em linguagem depende do contexto em que é proferida e, para cada sentença, certas reações podem ou não ser compreendidas.

⁶ Não como quem ajusta possíveis respostas, mas simplesmente, recusando-se a aceitar os pressupostos platônicos.

Do mesmo modo, a noção de *semelhanças de família* representa um modelo do complexo funcionamento da linguagem, reiterada por diversas maneiras de serem utilizadas. O que há de comum entre os diversos tipos de jogos? Isso não pode ser descrito, mas simplesmente “visto”, algo que nos levará a contemplar semelhanças ou parentescos surgindo e desaparecendo, “e digo: os jogos formam uma família” (WITTGENSTEIN. 1991. §67).

Se por um lado a teoria clássica do conceito insistia na necessidade da especificação daquilo que é essencial, por outro lado, a noção de semelhanças de família insistirá que não é possível essa definição precisa. Porém, é admissível, encontrarmos uma rede complexa de parentescos, de semelhanças e diferenças surgindo e desaparecendo entre os vários tipos de jogos:

Considere, por exemplo, os processos que chamamos de “jogos”. Refiro-me a jogos de tabuleiro, de cartas, de bola, torneios esportivos etc. O que é comum a todos eles? Não diga: “algo deve ser comum a eles, senão não se chamariam ‘jogos’”, - mas *veja* se algo é comum a eles todos. – Pois se você os contempla, não verá na verdade algo que fosse comum a *todos*, mas verá semelhanças, parentescos, e até uma série deles (WITTGENSTEIN. 1991. §65).

Embora não haja uma essência comum, no entanto, usamos normalmente as palavras. Jogamos esse jogo porque somos *treinados*, sabemos empregar as palavras de acordo com a multiplicidade de funções que elas exercem na linguagem. Em seu uso concreto a ânsia por exatidão não nos paralisa. Ao contrário de buscar a essência das palavras, encontramos uma atividade puramente humana, marcada pelas “formas de vida” que a constitui.

Conforme Oliveira, essa nova perspectiva coloca a linguagem no mesmo patamar das ações cotidianas da vida, como andar, passear, comer e assim por diante. Dessa forma, a linguagem pode ser considerada como uma espécie de ação, “de tal modo que não se pode separar pura e simplesmente a consideração da linguagem da consideração do agir humano ou a consideração do agir não pode mais ignorar a linguagem” (OLIVEIRA. 1996. p.138).

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse texto foi o de considerar a oposição de Wittgenstein à imagem agostiniana da linguagem, algo que se fundamenta num certo platonismo e que esteve

presente em toda tradição filosófica. Sobretudo, buscamos considerar os aspectos relacionados à busca pela essência como uma característica que marca os diálogos das *Investigações* no conjunto de parágrafos de 1 a 88.

Além de tentar compreender melhor os elementos que configuram essa imagem da linguagem, presente no modelo de nomeação platônico e de maneira ainda mais complexa no *Tractatus* (através da teoria da figuração), buscamos indicar a contraposição de Wittgenstein através dos *jogos de linguagem* e da noção de *semelhanças de família*.

Estes elementos se tornam o esboço de uma alternativa proposta Wittgenstein, em que a significação de uma palavra se dá a partir de seu uso (cf. WITTGENSTEIN. 1991 §43), do contexto em que nós a empregamos e mediante um domínio técnico. Não há nada além, nada oculto que deva ser desvelado. No máximo, podemos descrever por meio de exemplos, ou seja, “toda *elucidação* deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição” (Idem. §109).

REFERÊNCIAS

- BAKER, G. P. & HACKER, P. M. S. *Wittgenstein: Understanding and Meaning*, Volume 1 of an Analytical Commentary on the Philosophical Investigations. Oxford: Blackwell, 2005.
- FORSTER, M. Wittgenstein on family resemblance concepts. In *Wittgenstein's philosophical investigations: a critical guide*. Cambridge University Press, 2010.
- GLOCK, Hans-Johann. *A Wittgenstein Dictionary*. Oxford: Blackwell, 1996.
- GLOCK, H. J. *Dicionário Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998
- OLIVEIRA, M. A.. *Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola. 1996.
- PLATÃO. *Sofista*. Trad. de Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA. 1980.
- SANTOS, L. H. L. . “A Essência da Proposição e A Essência do Mundo”. *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp, 2001.
- STERN, D. *Wittgenstein's Philosophical Investigation*. Cambridge University Press, 2004.
- WITTGENSTEIN, L. *The Blue and Brown Books*. Oxford: Basil Blackwell, 1998
- _____. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Pensadores, Os).
- _____. *Philosophical Investigations*. Translated by G. E. M. Anscombe. Oxford: Blackwell, 1997.
- _____. *Tractatus logico-philosophicus*. trad. Luiz H. L dos Santos. São Paulo: Edusp, 2001.